

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a wall, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

PERSONAGENS ESCONDIDAS: À PROCURA DAS EMOÇÕES ESQUECIDAS DAS MULHERES NA INDÚSTRIA PORTUGUESA. UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA ATRAVÉS DE NOVAS MATERIALIDADES

Susana Pacheco¹, Joel Santos², Tânia Manuel Casimiro³

RESUMO

As emoções são um dos aspectos mais difíceis de entender em Arqueologia. Dependendo da cronologia ou do tipo de contexto que estudamos, esta questão pode tornar-se ainda mais complexa. Um desses exemplos é o das mulheres que trabalhavam na indústria, frequentemente secundarizadas e ignoradas. O presente artigo tem como objectivo tentar contrariar essa situação. Para tal, um diferente tipo de materialidades, menos convencional, será analisado. As fotografias – o nosso artefacto arqueológico – serão usadas para tentar descodificar as emoções dessas mulheres, frequentemente silenciadas pela sociedade em que viviam, e que permaneceram invisíveis na historiografia durante décadas. Por último pretendemos discutir o papel que nós, arqueólogos, devemos ter na construção de novas narrativas que dêem voz a estes agentes.

Palavras-Chave: Emoções; Fotografias; Indústria; Comunidades emocionais.

ABSTRACT

Emotions are one of the most difficult aspects to approach in archaeology and depending on the chronology or the type of context it can become even more difficult. One of those examples is the study of emotion on women working in industrial sites, frequently forgotten, and ignored. This paper aims to overcome that situation and study the emotions of women in industrial sites. To do so a different type of archaeological artefact – photographs – will be used, trying to comprehend the emotions those women felt. We will also debate the role that archaeologists have in the construction of new narratives concerning emotional agents.

Keywords: Emotions; Photographs; Industry; Emotional communities.

1. INTRODUÇÃO

Emoções, 感情, emotions, émotions, emotionen, emociones, فطاوعل, эмоції, эмоции, mothúcháin, hissiyotlar, 情緒, ou сэтгэл хөдлө, são apenas algumas das traduções possíveis de obter no tradutor do google, contudo, todas elas, com uma sonoridade mais ou menos variável, têm uma explicação semelhante que se pode resumir à capacidade de sentir de diferentes formas, com diferentes intensidades.

A limitação geográfica do presente trabalho ao que se convencionou chamar Portugal ou aos territórios diretamente relacionados, parece-nos assim restritiva, sobretudo quando fazer uma análise arqueológica a emoções é algo que se quer o menos limitado no tempo e no espaço possível. Estudar emoções é uma tarefa árdua, um fenómeno tão global como o próprio ser humano e tão permanente, mutável e variável como todas as características biológicas e culturais que o definem. Eis porque não nos pareceu

1. CFE-HTC Universidade Nova de Lisboa; Bolseira Fundação para a Ciência e Tecnologia (2022.14550.BD.) / susanalfsdpacheco@hotmail.com

2. University of Leicester / joelrosantos@gmail.com

3. CFE-HTC Universidade Nova de Lisboa / tmcasimiro@fcsh.unl.pt

nem pouco convencional nem sequer pouco arqueológico fazer um estudo das fotografias que captaram mulheres em ambientes industriais e usar essas mesmas fotografias para analisar as emoções daqueles que a sua condição social de subalternizados, levou a que tenham sido sempre secundarizados na construção de narrativas. Esta tarefa foi árdua, não só devido à escassa informação que existe nos dois grandes eixos de análise que nos propomos fazer, mulheres e emoções, mas sobretudo porque estes dois temas têm sido liminarmente ignorados nas análises arqueológicas em Portugal (Pacheco, 2023; Santos e Pacheco 2023, este volume).

As fotografias, como defendemos, são um passo para ultrapassar estas limitações. Como quase nenhum outro artefacto, elas mostram-nos as caras dos sujeitos fotografados, aproximando-nos destes, permitindo perceber uma série de outros aspetos que não seriam possíveis de outra forma, nomeadamente as emoções individuais dos agentes em estudo, algo que por norma escapa aos arqueólogos. É impossível ficar indiferente perante muitas das fotografias com que nos deparamos. Há determinadas emoções que, por muito que se queira, tanto no passado como no presente, não conseguem ser disfarçadas ou escondidas, e as fotografias podem auxiliar numa leitura emocional que normalmente escapa à análise arqueológica. Um outro ponto tem a ver com a nossa imparcialidade enquanto arqueólogos. Por muito que ainda haja quem a defenda, acreditamos que isso é completamente impossível quando estamos a estudar seres-humanos, com problemas e emoções, à nossa semelhança. As emoções tornam-se assim um dos aspectos mais desafiantes, mas não impossíveis, para tentar compreender no passado, facilitado, como veremos, se procedermos a uma análise iconográfica dos artefactos.

Elizabeth Edwards resume bem a importância das fotografias enquanto documento capaz de transmitir a forma como entendemos o passado ao narrar que “a very eminent historian once asked me if I would prefer a photograph or a sound recording of Oliver Cromwell. He was astonished by my, possibly biased, desire for the photograph.” (2022, p. 49). Esta afirmação ilustra o impacto que as fotografias podem ter na prática da história e da arqueologia, entre inúmeros outros aspectos, para estudar as emoções dos nossos sujeitos históricos.

Contudo, a análise de emoções através destes artefactos não é desprovida de dificuldades, pois algu-

mas das fotografias que utilizamos são encenadas e não correspondem necessariamente à realidade tal como ela seria. Muitas vezes as expressões seriam forçadas e as pessoas fotografadas seriam obrigadas a comportar-se de determinado modo, ou a posar em determinada posição, ou com alguma expressão facial em particular.

A dificuldade em ler os fotografados é, no entanto, compensada pela possibilidade de ler emocionalmente quem os fotografava, algo que nos traz a possibilidade de enveredar por outros caminhos também frequentemente ignorados – o de decodificar os fotógrafos, ou os artifícios que produziam aqueles artefactos, e a mensagem que pretendiam transmitir com os seus trabalhos. Estes pequenos detalhes por vezes espelham, melhor até que as caras presentes na fotografia, qual era a mentalidade da época e aquilo que era necessário mostrar para agradar aos seus públicos.

O presente trabalho selecionou cinco fotografias para analisar. Todas elas representam mulheres em ambiente fabril, ou em ambiente relacionado com a produção à larga escala. A escolha destas fotografias não foi aleatória. Com base no que são normalmente consideradas as emoções primárias: alegria, medo, surpresa, tristeza, nojo e raiva, ou as suas variantes diretas (Ekman, Sorenson e Friesen 1969), identificámos imagens que nos mostram como os agentes femininos reagiam emocionalmente, através de representações fotográficas, a estímulos físicos, biológicos, ambientais, culturais entre outros. Todas as fotos foram alvo de uma análise metodológica que as conceptualiza enquanto artefactos arqueológicos de acordo com a cronologia, contexto, materiais utilizados e agentes envolvidos.

Estamos preparados para aceitar a crítica que uma leitura arqueológica das emoções em ambiente industrial é uma abordagem audaz. Que ao fazê-lo estamos a pôr muito de nós próprios e da forma como reagimos enquanto seres humanos com as nossas características políticas, culturais e mesmo emocionais (perdoem-nos a redundância), nos sujeitos que analisamos. Assumimos essa posição e assumimos que a arqueologia que nos motiva é política, ativista e emocional.

2. FOTOGRAFIA COMO ARTEFACTO

A fotografia é uma invenção do século XIX, a mesma época em que a arqueologia se desenvolve numa

perspectiva disciplinar. Esta veio alterar significativamente a forma como o ser humano percepciona o mundo que o rodeia. À primeira vista podem ser encaradas como algo simples, como imagens objetivas e fidedignas de um evento passado, congelado no tempo, precisamente no momento em que o fotógrafo carrega no botão e a máquina dispara. No entanto, será que esta ideia deve continuar a ser afirmada como uma verdade indiscutível? Quantos de nós não arranjam o cabelo antes do disparo ou fazem aquela que acreditam ser a sua melhor feição?

E será que devemos continuar a analisar as fotografias apenas como imagens e não como materialidades? Para que algo, um objeto ou uma “coisa”, possa ser considerado uma materialidade, considera-se necessário que obedeça a alguns critérios, nomeadamente o de possuir uma biografia própria (Appadurai 1986), inserida num contexto histórico de produção. Para que isso se verifique é, no entanto, necessário que essa “coisa” possua a sua própria agência. Mas será que isso se verifica no caso dos objectos fotográficos? As fotografias, à semelhança de todos os outros objetos, influenciam a forma como determinada ação acontece, ou seja, vão exercer a sua agência nesse evento e nos seus vários intervenientes, ou atores. É neste sentido que uma fotografia se torna um agente. Não pelo seu significado per se, mas pelos seus efeitos sociais, pela forma como a sua participação em determinada ação a influencia, assim como a sua ausência teria um outro efeito nessa mesma ação (Gell 1998, pp. 21-22, Latour 1993; Miller 2005; Webmoor and Witmore 2008).

Mas essa influência nos acontecimentos não se limita à sua imagem. Aliás, é precisamente a materialidade das fotografias que nos aproxima daquilo que significaria ser humano no passado. São esses aspetos que nos indicam o que as pessoas pretendiam das fotografias. Estas são sempre feitas, seleccionadas e ordenadas de diferentes modos, de acordo com a narrativa que se pretende transmitir (Edwards 2022, p. 110). Como tal, se queremos verdadeiramente entender a importância que as fotografias desempenham na prática das ciências sociais como a arqueologia, e no estudo das suas emoções, temos de as analisar como um todo, como artefactos, não ignorando nenhum dos aspectos que as constituem, ou seja, o seu conteúdo visual, o tipo de suporte em que esse conteúdo nos é apresentado, as inscrições, marcas do tempo e de uso que possam conter, e até mesmo o seu percurso desde o momento em que a

câmara disparou até ao momento em que nós as visualizamos. Todos estes aspetos influenciam a maneira como as vemos e interiorizamos a informação que elas nos transmitem, à semelhança do que se verifica com qualquer outro artefacto arqueológico. Se por um lado é certo que o seu conteúdo imagético nunca pode ser descurado, também é certo que este não pode ser o único elemento considerado numa análise completa de uma fotografia. Se não o fazemos com outros artefactos arqueológicos, o que torna as fotografias tão diferentes para que o façamos com estas?

Se tivermos em consideração que a fotografia é uma mensagem formada por uma fonte de emissão, um canal de transmissão e um ponto de recepção (Barthes 1977, p. 15), temos também de ter presente a ideia de que toda e qualquer fotografia é feita com um propósito, seja ele qual for. Um fotógrafo procura sempre enquadrar a sua fotografia de modo a capturar a mensagem que pretende transmitir.

No caso das fotografias em ambientes industriais, que são o objecto de estudo do presente artigo, a manipulação continua a ser visível. É frequente encontrarmos fotografias em que todos os trabalhadores estão completamente focados nos seus trabalhos, parecendo não se deixar distrair com a presença de um elemento externo (fotógrafo), ou em que os espaços fabris nos são apresentados completamente limpos. No entanto, sabemos que para entrar num espaço fabril era sempre necessária uma autorização do proprietário, pelo que todos aqueles que lá se encontravam estariam automaticamente avisados, havendo oportunidade de “preparar o cenário” (Monteiro 2013, p. 581).

Mas ainda assim, apesar de todo o seu potencial para compreender realidades que de outro modo nos seria completamente impossível, entre as quais as emoções dos sujeitos históricos, parece continuar a existir uma grande reticência por parte de muitos arqueólogos em utilizá-las, e acima de tudo em encará-las como artefactos arqueológicos. Existem algumas exceções, como é o caso de Michael Shanks, que em 1997 escrevia que mesmo as fotografias podem ser reconhecidas como artefactos e assumir o estatuto de “objetos encontrados” que aproveitam a “magia do real” (Shanks 1997, p. 80).

No caso das mulheres em particular, que eram frequentemente subalternizadas nos espaços fabris, é comum, como referido, encontrar evidências de que na realidade as fotografias que temos perante

nós foram claramente encenadas. Um desses aspectos, que iremos explorar, é precisamente o das emoções sentidas por estes agentes, que frequentemente se tentaram esconder ou disfarçar.

3. AS EMOÇÕES

Estudar as emoções – mesmo que através de fotografias – é talvez das investigações mais complexas que se pode enveredar em arqueologia. São complexas para estudar nos dias de hoje, onde temos acesso direto ao objeto de estudo, as pessoas, mas são ainda mais complexas quando estudamos o passado, quando as únicas coisas que nos restam são fragmentos dessas experiências idas (Lyons, 1999, p. 236).

Esta complexidade é provavelmente a principal razão para a maior parte dos arqueólogos continuarem a ignorá-las nas suas investigações (Hannesdóttir, 2022, p. 70; Harris e Sørensen, 2010, p. 145; Tarlow, 2000, p. 713; 2012, p. 169), argumentando que estas são impossíveis de recuperar através da materialidade arqueológica e que são demasiado subjetivas (ou mesmo especulativas) (Harris and Sørensen 2010, p. 145). Para o conseguir teríamos de utilizar as nossas atuais emoções, interpretando um período em que estas se manifestariam diversamente ou onde nem sequer existiriam (Insoll 2007, pp. 56-59; Tarlow, 2000), caindo na armadilha dos anacronismos e das falsas empatias (Fleisher and Norman 2016, p. 4).

Contudo a pergunta que naturalmente emerge das considerações anteriores é: Que alternativa temos ao estudo das emoções, mesmo com todas as suas dificuldades? As emoções não são apenas a parte irracional de uma longa narrativa histórica que se desenrola de acordo com o pensamento racional. Elas não são apenas o efeito da história, mas, independentemente da nossa vontade, têm um lugar significativo, juntamente com a razão e a sensação, na construção da própria história (Boddice, 2007, p. 11). Atualmente, parece indiscutível a premissa das emoções serem (e sempre terem sido) algo de fundamental para o ser humano (Boquet e Nagy, 2018; Hannesdóttir, 2022; Harris e Sørensen, 2010; Tarlow, 2000). São essas experiências emocionais que moldam as ações e os comportamentos humanos (Tarlow 2000, p. 179), que por sua vez vão ficar refletidos na materialidade que enquanto arqueólogos estudamos. “Emotions are materially constituted and material culture is emotionally constituted” (Gosden, 2004, 39). Portanto, se quisermos verdadeiramente perceber como

é que as pessoas e os objetos estiveram no mundo, temos obrigatoriamente de nos envolver com as emoções, estudando-as (Harris e Sørensen, 2010, p. 146). É verdade que o estudo das emoções no passado, tal como toda a arqueologia, está assente sobre incertezas que podem levar a interpretações incorretas, mas ainda assim, as perdas de nem sequer tentarmos seriam maiores, pois estaríamos a excluir do nosso estudo algo fundamental do que somos (Massegli, 2012, p. 138). Não tentar compreender como pensariam e o que sentiriam os nossos antepassados só porque não pode ser completamente reconstruído, é uma abordagem egoísta e derrotista (Hodder, 1992, pp. 16-23; Fowler, 2000, p. 127; Tarlow, 2000, p. 721; Massegli, 2012, p. 138).

Mas então, como podemos fazer? Provavelmente vamos ter de olhar para o que é relevante de forma imaginativa e criativa. No passado, a falta de dados foi frequentemente citada como o principal obstáculo ao estudo arqueológico de género. No entanto, a certeza de que o estudo do género traria novas perspetivas resultou num aumento significativo de abordagens imaginativas para esta difícil área de estudo. Exatamente pelas mesmas razões, para melhor compreendermos as emoções, necessitamos de interpretações e utilizações mais imaginativas dos dados arqueológicos (Tarlow, 2000, p. 729). É precisamente aqui que se posicionam as fotografias abordadas anteriormente.

As fotografias conseguem dar-nos informações sobre as emoções do passado duma forma que dificilmente seria alcançada através doutras materialidades, nomeadamente através das emoções sentidas por diferentes grupos sociais, batizados por Barbara Rosenwein (2002; 2006; 2010) como “comunidades emocionais”, ou seja, grupos de pessoas que têm interesses, valores e objetivos comuns (2006, p. 24).

A primeira das comunidades são as pessoas retratadas, no nosso caso as mulheres que trabalhavam na indústria portuguesa. Que sentiriam essas pessoas? Como interpretavam, se é que o faziam, o seu posicionamento na fábrica? Que diferenças existiriam entre as pessoas de diferentes indústrias, ou mesmo de diferentes secções dentro da fábrica? E entre diferentes níveis hierárquicos? E geograficamente? Haveria diferenças entre o Norte e o Sul de Portugal? Provavelmente as fotografias sozinhas não seriam capazes de nos dar uma perspetiva global da situação, nem responder a todas as questões anteriores, o que aumenta a importância de juntar às fotografias

outro tipo de informação. “Ensure that archaeological material is not studied in isolation, but in relation to the more explicit, textual evidence, so that one may illuminate the other” (Masseglia, 2012, p. 138). Uma segunda comunidade está do outro lado da lente, ou seja, quem tirava as fotografias (ou quem as encomendava). Esta é uma comunidade muito específica. William Reddy (2001) batizou-a como “regimes emocionais”, ou seja, uma força política, institucional ou administrativa, que garante (ou tenta garantir) que determinadas práticas, rituais e expressões emocionais estejam de acordo com o pretendido. Infelizmente, muitas das vezes esta adoção de práticas acabava por acontecer naturalmente por parte das pessoas a quem estas maneiras eram inculcadas e impostas, sem que disso se apercebessem. Que sentiriam estes regimes? Na nossa opinião, uma das maneiras de interpretar o que sentiriam é através do que gostariam que os outros sentissem, neste caso as mulheres que estavam a ser retratadas. “Quando o Pedro nos fala sobre Paulo, fala mais de si mesmo do que da própria natureza de Paulo” (Espinoza, 2020). Portanto estudando as fotografias, podemos usá-las para conhecer não só quem era fotografado, mas também quem queria fotografar.

Sarah Tarlow afirma que o estudo das emoções deveria ser feito numa ótica de “Social emotional values rather than individual (because they) may be of greater interest to archaeologists and will also be more accessible to archaeological study” (2000, p. 728; 2012, p. 169). Nós, contrariamente, acreditamos que as fotografias permitem também perceber as emoções individuais, sentidas no exato momento em que as fotografias estavam a ser tiradas, o que torna as fotografias numa materialidade com características muito específicas, as quais devíamos aproveitar. Estudos neurológicos revelaram a importância de utilizar a leitura dos olhos quando se analisam as expressões faciais, para perceber as emoções de quem está a ser analisado (Baron-Cohen, *et al.*, 2001; Masseglia, 2012, p. 134). Esta análise facial é possível através das fotografias e, mesmo imaginando que determinadas fotografias fossem encenadas, seria muito difícil provocar determinadas expressões faciais, o que nos aproxima do que as pessoas fotografadas estariam a sentir naquele exato momento.

Finalmente temos uma emoção que não é do passado, mas que impacta igualmente na maneira como o olhamos. Não é tanto uma arqueologia das emoções, mas uma arqueologia emocional, onde devía-

mos não só aceitar, mas igualmente celebrar a subjetividade e as emoções sentidas pelos arqueólogos (Tarlow 2012, 178). Que deveríamos sentir enquanto arqueólogos quando confrontados com determinadas materialidades? O que deveríamos pensar sobre o que pensariam e sentiriam as pessoas que estudamos, no nosso caso as mulheres nas fábricas? É nosso dever, enquanto arqueólogos, tentar sentir o que elas sentiriam, caindo na armadilha do anacronismo, ou é justo que defendamos aquilo que sentimos? Mesmo que essa abordagem se transforme em algo político, precisamente porque vemos injustiças onde talvez não fossem sentidas. Sentiriam essas mulheres a injustiça de tratamento ou já estavam emocionalmente “corrompidas” e subjugadas pelos “regimes emocionais”?

4. AS EMOÇÕES DAS MULHERES NA INDÚSTRIA PORTUGUESA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Durante décadas, a crença de que as mulheres eram seres mais emocionais que os homens foi um dos mais consistentes estereótipos associados ao género (Plant *et al.*, 2000, p. 81). No entanto, e apesar de este ser apenas um estereótipo, este aspeto continua a ser desvalorizado pela comunidade arqueológica e as emoções femininas, à semelhança das masculinas, poderíamos acrescentar, ainda não se encontram na agenda científica. Continuamos sem questionar o que sentiriam as pessoas que estudamos, neste caso concreto as mulheres, agentes subalternizados durante séculos.

E é isso que nos propomos a fazer. Olhar para artefactos arqueológicos, com biografias e agência, e problematizar sobre que tipo de emoções se encontram representadas. Tal como mencionado, não poderíamos utilizar todas as emoções alguma vez representadas, pelo que tivemos de nos cingir às que considerámos serem emoções primárias. Assim, procurámos fotografias que representem alegria. Foi nessa procura que encontramos uma fotografia (Fig. 1) de uma mulher, trabalhadora da Sogantal, que ri à gargalhada, enquanto trabalha na máquina de costura que será a sua companheira de horas, meses e anos, na fábrica onde trabalha. Não sabendo o seu nome, sabemos que aquela mulher, naquele particular momento, estaria a experienciar uma genuína felicidade. Não sabemos o motivo que terá levado esta mulher, trabalhadora da indústria têxtil do Montijo,

a rir-se de forma tão convicta. Sabemos sim, que aquela expressão facial não é manipulada, não foi fingida para o momento em que o fotógrafo disparou a câmara, ainda que possa ter sido ele a provocá-la. Sem esta fotografia, nunca teríamos acesso a este tipo de informações, nunca estaríamos sequer perto de decodificar a sua identidade, de a conhecer, tal como ela seria. Poderíamos até ter a sorte de algum dia ter acesso aos arquivos desta fábrica, de vir a ler o seu nome em algum documento, mas as suas feições nunca seriam mais do que algo construído na nossa cabeça. É esta individualidade emocional que conseguimos identificar através de fotografias como estas, destes indivíduos anónimos, mas que não deixaram de desempenhar um papel na história do ofício, da fábrica e do território. Passamos a conhecê-los melhor e a identificar-nos mais com eles, como se ali estivéssemos. Afinal de contas são pessoas, seres emocionais, como todos nós.

Obviamente nem só de felicidade se fazia o dia-a-dia numa unidade fabril, principalmente para as mulheres que ali trabalhavam. Enquanto a fotografia da Sogantal foi tirada num momento incerto após o 25 de Abril de 1974, se recuarmos alguns anos ou décadas, podemos observar emoções completamente diferentes. Uma fotografia (Fig. 2), mostra-nos Herbert Edward Over Gilbert e Leland Herbert Gilbert em visita a uma das secções da Fábrica de Loiça de Sacavém, da qual eram proprietários. Ao olharmos para esta fotografia, imediatamente salta à vista a presença daqueles dois homens de fato e gravata, o mais velho com um chapéu, de ar austero e hirsuto, sem sequer exibirem as suas mãos, sempre mantendo a postura de superioridade, enquanto observam, a partir de cima, aquele grupo de mulheres que trabalhava numa das secções da sua fábrica. Tirada na década de 1950 (Arquivo do Museu da Cerâmica de Sacavém), esta fotografia é a ilustração perfeita de uma época em que as mulheres eram vistas, pela sociedade conservadora portuguesa, como seres inferiores que deveriam obedecer aos homens, considerados seres moralmente superiores. Se tivermos em consideração todo este contexto, ainda que as expressões faciais destas mulheres não sejam completamente visíveis na fotografia, até porque claramente não era esse o objetivo do fotógrafo, facilmente conseguimos imaginar o medo que elas estariam a sentir naquele instante em que o disparo ocorreu, e que seria comum a inúmeras mulheres, aliás, como nos mostram as centenas de fotografias que já pudemos

visualizar daquela época. Notamos que todas elas, ou pelo menos as que se encontram sentadas numa fila de trabalho, estão a usar uma espécie de óculos de proteção, o que nos indica que estariam a executar tarefas que de alguma forma poderiam comprometer a sua segurança, necessitando desse mesmo equipamento. Mas voltando às emoções, ainda que tenhamos a certeza de estarmos perante uma fotografia encenada, algo que conseguimos perceber pela linguagem corporal dos homens ali presentes e pela postura igualmente formal da mulher ao fundo, e consequentemente tirada com uma finalidade completamente distinta, esta permite-nos também decodificar um pouco mais da identidade de todos os elementos representados naquele contexto fabril. O modelo de exploração industrial considerado ideal, apostando na produção em larga escala, está assim patente na imposição emocional dos encarregados/donos dos estabelecimentos industriais que impunham não apenas um regime laboral, mas um regime emocional, motivado pelo medo de perder o trabalho (Thompson, 1991).

Até aqui vimos duas fotografias distintas, que nos permitem perceber dois momentos completamente diferentes, mas que ambos teriam lugar dentro das fábricas portuguesas. Se na primeira o disparo do fotógrafo mostrou a felicidade de uma trabalhadora anónima, na segunda o objetivo principal era mostrar “um exército” de trabalhadoras.

Uma outra emoção que, com todas as dificuldades, conseguimos observar nas fotografias destes locais é o amor. Manifestava-se seguramente entre casais que lá trabalhassem, ou pais/mães e filhos/as que partilhavam o mesmo local de trabalho, ou entre pessoas com quem se partilhavam vidas e com as quais fortes laços de amizade acabavam por ser criados. Uma dessas situações, seria um momento de amor incondicional.

Sabemos que a partir de do primeiro quartel do século XX se torna prática corrente nas fábricas que empregavam um grande número de mulheres a criação de creches, onde uma específica comunidade emocional, neste caso as mulheres com filhos pequenos, pudesse deixar as crianças durante os seus turnos de trabalho. A existência das creches libertava-as assim para poderem continuar a trabalhar permitindo também uma maior concentração nas tarefas que tinham de executar, e uma maior proximidade dos filhos no momento da amamentação, como nos mostra uma fotografia tirada na creche da fábrica de

Lordelo (Fig. 3). Mais uma vez, ainda que as caras das mulheres representadas estejam um pouco escuras, é-nos imediatamente possível perceber o amor com que estas mulheres olhavam para os seus filhos de poucos meses. Tirada num momento em que o mundo enfrentava uma guerra mundial, no ano de 1942, esta fotografia mostra-nos um momento em que, para estas duas mulheres trabalhadoras, nada mais parecia importar do que satisfazer as necessidades dos seus filhos, alimentando-os para que não tivessem de experienciar a fome que afectava tantas pessoas em Portugal e no mundo, e que quiçá elas próprias tivessem experienciado em dado momento das suas vidas. Mas naquele momento a sua única preocupação era aproveitar ao máximo o tempo que os patrões lhes concediam para amamentar os seus filhos e a oportunidade de o fazerem no seu local de trabalho ao invés de tantas outras soluções improvisadas e menos confortáveis a que se assistia neste país e retratadas, entre outras pessoas, por Armando Leça na famosa obra de Maria Lamas, *As Mulheres do Meu País* (2002, 415). É certo que esta fotografia pode ter sido encenada, para transmitir a imagem de um regime emocional benevolente que até dispendia algum dinheiro em prol das suas trabalhadoras e do seu bem-estar familiar, mas as emoções ali retratadas são inconfundíveis e impossíveis de fingir. O olhar maternal e ternurento com que ambas observam os seus filhos enquanto lhes saciam a fome é prova do seu amor por eles, e que nenhuma lente, por mais bem treinada que esteja, o consegue falsificar. Para estas duas mulheres talvez a possibilidade de estar com os seus filhos, nem que fosse por meros instantes durante os seus turnos e amamentá-los, representasse tudo aquilo que elas queriam. Mas sabemos que este sentimento não seria igual para todas as mulheres da classe trabalhadora que trabalhavam na indústria, e principalmente à medida que o século XX ia decorrendo e o acesso à informação e à educação iam gradualmente aumentando, também as exigências destas mulheres iam aumentando. É neste contexto que as manifestações se começam a generalizar, principalmente após o término da ditadura em que Portugal viveu durante quase meio século. A Fig. 4 é o retrato claro dessa situação. Ali se observa um sentimento de raiva coletiva, onde as trabalhadoras e trabalhadores da Messa, uma fábrica de máquinas de escrever, exigem melhores condições de trabalho. Era uma terça-feira, dia 14 de Maio de 1974, poucos dias após a revolução, as emoções dos portugueses

fervilhavam à flor da pele, após tantos anos de opressão era finalmente o momento de exigir aquilo que lhes era devido. Com cartazes e chapéus de chuva para ajudar a cobrir do sol que se fazia sentir naquele quente dia de primavera, os trabalhadores desta fábrica foram para as ruas, de punho em riste exigir que as suas precárias situações profissionais fossem resolvidas, que as suas vozes fossem ouvidas. A raiva, essa emoção tão poderosa, e que possivelmente tiveram de oprimir ou conter até menos de um mês antes do disparo desta câmara, é aqui extremamente visível. Possivelmente vítimas das mesmas desigualdades, podemos afirmar estar perante uma comunidade emocional, que naquele instante se manifestava do modo como a vemos na imagem, através dos gritos de revolta que, ainda que não sendo audíveis na fotografia, são bem visíveis nas expressões faciais. Este grupo de mulheres, de várias faixas etárias, possivelmente de diferentes regiões do país, certamente com diferentes backgrounds, constituíam neste momento uma verdadeira comunidade, uma comunidade emocional, com os mesmos objetivos em mente, e sem medo de lutar por eles.

Como temos vindo a demonstrar até aqui, as fotografias são o único, ou pelo menos um dos únicos elementos da cultura material que nos permite aproximarmo-nos realmente dos “nossos” sujeitos históricos, que nos dá a conhecer os seus traços identitários, que nos mostra como eles realmente eram e quais seriam as emoções por si sentidas. Imaginemos que ao invés de observarmos estas fotografias relativas a estes acontecimentos específicos, apenas tínhamos a possibilidade de ler sobre elas em alguns documentos com que nos cruzássemos em algum arquivo. Possivelmente a nossa percepção delas seria completamente diferente, não iríamos sentir a mesma empatia para com estas pessoas tão próximas e simultaneamente tão distantes de nós. Certamente não as iríamos conhecer tão bem como as fotografias e poucas outras materialidades o permitem. Mesmo quando as fotografias são encenadas por alguma entidade que nos pretende transmitir uma certa mensagem, um determinado “regime emocional”, que quer que olhemos para os acontecimentos ali retratados de uma forma concreta, as fotografias continuam a ser um elemento fundamental para conhecermos as sociedades desses tempos. A Fig. 5, apesar de mostrar alguns sorrisos nas caras de algumas das pessoas ali retratadas é o claro exemplo dessa manipulação e encenação,

quanto mais não seja pela presença de uma ilustre figura, como é o caso de Bernardino Machado, uma eminente figura do panorama político português. Num momento como este era expectável que toda a fábrica e as pessoas que lá trabalhavam estivessem no seu melhor. As flores que decoram as bancadas de trabalho são desde já a primeira pista para esse aspeto. Nesta fotografia tirada algures na década de 1910, por Joshua Benoliel, um dos mais famosos fotógrafos daquela época, temos a representação clara de um “regime emocional”. Acima de tudo, num período de tanta incerteza na história de Portugal, era importante transmitir alguma tranquilidade, ainda que apenas aparente, como alguns elementos da fotografia parecem deixar escapar. Entre alguns sorrisos espelhados na cara do futuro Presidente da República ou da mulher em primeiro plano, vemos também caras sérias, talvez de preocupação ou desconfiança, como a segunda mulher da fila da esquerda tão bem transmite.

A ideia que o fotógrafo pretendia transmitir parece clara, a limpeza e felicidade no trabalho, perante um indivíduo tão importante. Aliás, é frequente encontrar fotografias de líderes políticos em cenários como este, em que a ideia de felicidade (ainda que apenas para a fotografia) transpareça na cara das pessoas. No entanto, nem todas as mulheres desta fotografia “conseguem” espelhar essa emoção. É possível que para muitas destas mulheres, esta fosse a primeira vez em que estavam a ser fotografadas, e que algumas até nem tivessem bem a consciência do que é que isso significaria. Talvez daí a dificuldade em mostrar os sorrisos felizes que o fotógrafo quiçá idealizara.

Certamente a possibilidade de mais de um século depois alguém estar a ver esta fotografia num equipamento tecnologicamente tão avançado e remoto em comparação com as tecnologias da época, foi um dos aspetos que não passou pela mente de nenhuma delas. Menos ainda que tantas décadas depois um grupo de arqueólogos pudesse preocupar-se com as suas identidades e as quisesse conhecer, ainda que “apenas” através das imagens que delas sobreviveram.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto que desenvolvemos permite-nos considerar diversas perspetivas no estudo das emoções e das suas relações com espaços, pessoas e coisas através de uma materialidade pouco explorada numa vertente arqueológica: as fotografias. Quando nos de-

bruçamos em fotografias como artefacto arqueológico essa capacidade relacional é ainda maior pois a peculiaridade desse tipo de materialidades permite-nos uma leitura emocional coletiva, mas também individual. Estas duas perspetivas são tão antagónicas como complementares visto que enquanto o indivíduo manifesta emoções per se, as comunidades ou regimes emocionais moldam, influenciam e manipulam essas mesmas emoções. Vimos essas comunidades emocionais nos grupos de trabalhadoras, mães, lutadoras que aqui analisámos, mas poderíamos ter procurado muitas mais. Quanto aos regimes emocionais são perfeitamente observáveis nas figuras 2 e 5 onde a presença de figuras masculinas, austeras, provocam o medo e o receio num grupo de mulheres subalternizadas.

Contudo, existem mais duas perspetivas emocionais que raramente conseguimos identificar e que na análise das fotografias não as podemos ignorar. Uma delas trata-se do produtor dessas fotografias. O fotógrafo deixa-nos o que os seus olhos viram e planearam e conseguimos compreender a sua relação emocional com o espaço e com os outros agentes da ação. A outra trata-se na nossa própria perceção emocional enquanto arqueólogos e a forma como estas fotografias nos afetam e nos fazem reagir emocionalmente. Enquanto arqueólogos, agentes fundamentais na construção de narrativas sobre o passado, achamos que não podemos ignorar o que sentimos, mesmo que seja discordante com o que sentiriam essas mulheres. “We have to make archaeology political again (...) We need to go back to the roots of politics – radical dissent, conflict, inequality – and reconstruct archaeology as a public engaged practice to make it a truly critical voice in the global stage” (Gonzalez-Ruibal *et al.* 2018, pp. 513-514). Arqueologia ou é política ou não é nada, e as fotografias ajudam-nos a retratar precisamente as emoções envolvidas neste estudo, sejam as das retratadas (emoções individuais ou coletivas), as dos que as retratavam (“regimes emocionais”) e ainda as nossas enquanto arqueólogos.

As unidades fabris eram espaços complexos, onde um turbilhão de emoções poderia ser sentido diariamente, pelas diversas pessoas que ali passavam as suas vidas. Muitos fatores influenciavam esses aspetos, entre eles as secções em que se encontrariam, os cargos ou tipo de tarefas desempenhadas, aspetos identitários como o género, a idade, a etnia das pessoas, o seu background socio-económico e familiar, entre inú-

meros outros. É impensável e indesejável que uma análise arqueológica destes espaços não contemple a perspectiva emocional que os mesmos motivavam tanto na altura que as fotos foram captadas, como hoje em dia onde as nossas inferências hodiernas, apesar de cientificamente sustentadas, não podem ser asséticas numa perspectiva emocional. Isso faria com que, como arqueólogos, apenas nos preocupássemos com a descrição exaustiva dos contextos, sem nos preocuparmos com o que torna estas mulheres, numa perspectiva tanto individual como coletiva, em agentes que importa conhecer e promover.

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun (1986) – Introduction: commodities and the politics of value. In APPADURAI, Arjun, ed. – *The Social Life of Things. Commodities in cultural perspective* Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-63.

BARON-COHEN, Simon; WHEELWRIGHT, Sally; RASTE, Yogini; PLUMB, Ian (2001) – The ‘Reading the Mind in the Eyes’ Test Revised Version: A Study with Normal Adults, and Adults with Asperger Syndrome or High-Functioning Autism, *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42, pp. 241-251.

BARTHES, Roland (1977) – *Image Music Text*. Londres: Fontana Press.

BODDICE, Rob (2017) – The History of Emotions: Past, Present, Future, *Revista de Estudios Sociales*, 62, pp. 10-15. <https://dx.doi.org/10.7440/res62.2017.02>.

EDWARDS, Elizabeth (2022) – *Photographs and the Practice of History. A short primer*. Londres: Bloomsbury Publishing Plc.

EKMAN, Paul; SORENSON, Richard, & FRIESEN, Wallace (1969) – Pan-Cultural Elements in Facial Displays of Emotion, *Science*, 164 (3875), pp. 86-88. doi:10.1126/science.164.3875.86.

FLEISHER, Jeffrey; NORMAN, Neil (2016) – Chapter 1 – Archaeologies of Anxiety: The Materiality of Anxiousness, Worry, and Fear. In FLEISHER, Jeffrey; NORMAN, Neil eds. – *Archaeologies of Anxiety: The Materiality of Anxiousness, Worry, and Fear*, Nova Iorque, Springer, pp. 1-20.

FWLER, Charles (2000) – The Individual, the Subject, and Archaeological Interpretation (or, Relating Luce Irigaray and Judith Butler to Prehistory), in HOLTORF, Cornelius; KARLSSON, Håkan eds. – *Philosophy and Archaeological Practice: Perspectives for the 21st Century*, Göteborg, pp. 107-114.

GELL, Alfred (1998) – *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Oxford University Press.

GONZALEZ-RUIBAL, Alfredo; GONZALEZ, Pablo; CRIADO-BOADO, Felipe (2018) – Against reactionary populism: towards a new public archaeology, *Antiquity*, 92 (362), pp. 507-515.

GOSDEN, Chris (2004) – Aesthetics, intelligence and emotions: Implications for archaeology. In DeMARRAIS, Elizabeth, GOSDEN, Chris; RENFREW, Colin eds. – *Rethinking materiality: The engagement of mind with the material world*, Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, pp. 33-42.

HANNESDÓTTIR, Sigrún (2022) – Matters of the heart: depictions of the heart and the archaeology of emotion, c. 1400-1700., *Post-Medieval Archaeology*, 56 (1) pp. 68-79, DOI: 10.1080/00794236.2022.2055316.

HARRIS, Oliver; SØRENSEN, Tim Flohr (2010) – Rethinking emotion and material culture. *Archaeological Dialogues*, 17 (2), pp. 145-163.

HODDER, Ian (1992) – *Theory and Practice in Archaeology*, London: Routledge.

INSOLL, Tim (2007) – *Archaeology: The conceptual challenge*, London: Duckworth.

LAMAS, Maria (2002) – *As Mulheres do Meu País* (2ª Edição). Lisboa: Caminho.

LATOUR, Bruno, (1993) – *We have never been modern*, Harvard: Harvard University Press.

LYONS, Martyn (1999) – Love Letters and Writing practices: On Ecritures Intime in the Nineteenth Century, *Journal of Family History* 4 (2), pp. 232-239.

MASSEGLIA, Jane (2012) – Emotion and Archaeological Sources. A methodological introduction. In CHANIOTI, Angelos ed. – *Studies and Methods for the Study of Emotions in the Greek World*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, pp. 131-150.

MILLER, Daniel (2005) – Materiality. An introduction. In MILLER, Daniel ed. – *Materiality*, Durham: Duke University Press, pp. 1-50.

MONTEIRO, Bruno (2013) – Natureza morta com Máquinas. A política de representação do espaço fabril da fotografia industrial nas décadas de 50 e 60 no Porto. In MONTEIRO, Bruno; PEREIRA, Joana Dias, eds. – *De Pé Sobre a Terra. Estudos Sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal*. Lisboa: [s.n], pp. 573-592.

PACHECO, Susana (2023) – Why do we need gender archaeology when studying factories?, in SILVA, Susana; MOSCATEL, Cristina; OLIVEIRA, N'zinga; SOARES, Daniela; VALÉRIO, Bruna, (eds.) *Trabalho (No) Feminino – Histórias de Mulheres (Séculos XVIII a XX)*, Açores: Letras Lavadas, pp. 186-205.

PLANT, Ashby; HYDE, Janet; KELTNER, Dacher; DEVINE, Patricia (2000) – The Gender Stereotyping of Emotions. *Psychology of Women Quarterly*. Cambridge. 24, pp. 81-92.

REDDY, William (2001) – *The navigation of feeling: A framework for the history of emotions*, Cambridge: Cambridge University Press.

ROSENWEIN, Barbara (2002) – Worrying about emotions in history. *The American Historical Review*, 107 (3), pp. 821-845.

ROSENWEIN, Barbara (2006) – *Emotional communities in the early Middle Ages*, Ithaca: Cornell University Press.

ROSENWEIN, Barbara (2010) – Problems and methods in the history of emotions. Passions Context, *Journal Historical Philosophy and Emotions*, 1, pp. 1-32.

SANTOS, Joel; PACHECO, Susana (2023) – Sós mas não esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão. In *Actas do IV Congresso dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP, pp. 1727-1738.

SHANKS, Michael (1997) – Photography and Archaeology. In MOLYNEAUX, Brian Leigh, ed. – *The Cultural Life of Images: Visual Representation in Archaeology*. Londres: Routledge, pp. 73-107.

TARLOW, Sarah (2000) – Emotion in Archaeology, *Current Anthropology*, 41(5), pp. 713-746.

TARLOW, Sarah (2012) – The Archaeology of Emotion and Affect, *Annual Review of Anthropology*, 41, pp. 169-85.

THOMPSON, Edward Palmer (1991) – *The Making of the English Working Class* (4ª Edição). Londres: Penguin Books.

WEBMOOR, Timothy; WITMORE, Christopher (2008) – Things are us! A commentary on human/things relations under the banner of a 'social archaeology', *Norwegian archaeological review* 41(1), pp. 53-70.



Figura 1 – Trabalhadora da Sogantal (Fonte: Sindicato dos Trabalhadores TÊXTEIS, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Curtumes do Sul).



Figura 2 – Herbert Edward Over Gilbert e Leland Herbert Gilbert em visita a uma das secções da Fábrica de Loíça de Sacavém (Fonte: Museu da Cerâmica de Sacavém).



Figura 3 – Operárias da fábrica de Lordelo: hora da amamentação (Fonte: Arquivo Municipal do Porto).



Figura 4 – Manifestação de trabalhadores da MESSA (Fonte: Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares e Maria Barroso).



Figura 5 – Visita de Bernardino Machado a uma Fábrica de Tabaco (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**